



As correntes de pensamento no interior do Islamismo

*Sandra Liliana Costa**

Para uma correcta caracterização do mundo árabe e islâmico nas suas dimensões política, económica e social devemos abordar a questão do Islamismo: as condições que proporcionaram o surgimento desta ideologia, a sua complexidade e carácter multifacetado, os seus teóricos e ideias centrais. Esta ideologia é atravessada por diversas correntes de pensamento. Entre estas, podemos identificar algumas com um carácter mais político, ligadas a estratégias políticas e procurando agir dentro do quadro político e constitucional de um país; outras possuem um cariz tendencialmente apolítico e missionário, com vista ao reforço da fé e da ordem moral islâmica, através da difusão daquilo que consideram ser o verdadeiro Islão e da educação dos Muçulmanos para a prática desse Islão depurado de elementos tradicionais; por fim, existem as correntes adeptas de visões mais radicais, defensoras de táticas e estratégias que promovem o confronto com os regimes muçulmanos e o mundo ocidental. A formulação de políticas adequadas para lidar com cada uma das várias correntes islamistas implica que se destaque as principais ideias promovidas por cada uma destas, as suas diferentes implicações operacionais e a expansão em solo europeu.

Islamismo

Actualmente, quando se fala em Islamismo, ouvimos com alguma frequência os termos Wahhabismo, Salafismo, *Jihadismo*, não raras vezes utilizados como sinónimos. Estas constituem algumas das correntes que povoam o universo islamista, tendo em comum o facto de todas apelarem ao regresso à pureza do Islão inicial.

O Islamismo começou a ganhar força sobretudo após 1940, mas a sua génese encontra-se nos dois séculos que antecederam aquela data, nas ideias reformistas que procuravam reagir à estagnação do pensamento

* Trabalho realizado no âmbito do projecto POCI/CPO/56994/2004, aprovado pela FCT e pelo POCI 2010 e participado pelo FEDER.



muçulmano, combater a debilidade do mundo islâmico (principalmente quando comparado com a percepção de um Ocidente forte e bem sucedido) e repensar as novas condições em que aquele se encontrava. Alguns dos principais autores daquele período foram o persa Al-Afghani, o egípcio Muhammed Abduh e o sírio Rashid Rida. Sob influência de Abduh, um erudito de Al-Azhar conhecedor do mundo europeu, o movimento reformista começou também a ser identificado pela designação de *Salafiyya* ou Salafismo. A originalidade do pensamento deste autor residia na sua defesa da conciliação entre o Islão puro dos companheiros do Profeta (*Salaf*) com o racionalismo e os progressos científicos e técnicos do mundo ocidental.

O Reformismo viria a marcar todo o desenvolvimento intelectual posterior do mundo muçulmano e, já no século XX, divergiria em diversas direcções, nomeadamente fornecendo as bases ideológicas do activismo islamista do século XX. Deste modo, a ideologia islamista acaba por ser o resultado da mutação da *Salafiyya*, cuja mensagem evolui num sentido mais conservador, em virtude das mudanças sócio-políticas que afectaram o mundo muçulmano a partir da década de 1920.

O Islamismo é muito crítico relativamente a três aspectos: a modernidade, o Estado e o Ocidente. Esta ideologia é bastante heterogénea, incorporando um conjunto diverso de pontos de vista, tendências de pensamento, actores e organizações, por vezes opostas umas às outras. Esta diversidade constitui, sobretudo, uma resposta às condições políticas com que os diversos actores se deparam ao longo dos tempos e, simultaneamente, é um sinal da sua flexibilidade teórica. Contudo, quase todos os islamistas partilham das seguintes ideias: o desejo de purificar e renovar a vida islâmica, de modo a dar respostas aos problemas da sociedade; a vontade de restaurar as fortunas terrenas do Islão; a convicção que ambos os objectivos podem ser atingidos através da adopção do modo de vida islâmico do século VII, conforme exemplo do Profeta e seus companheiros (*Salaf*) e do regresso aos Textos sagrados.¹ No entanto, a relevância concedida a estas ideias varia de acordo com os actores em

¹ Hillel Fradkin, "The history and unwritten future of Salafism", in in Hillel Frandkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 6, Center on Islam, Democracy and The Future of the Muslim World, Hudson Institute, Washington, D.C., 2008, p.7.



questão. De igual modo, não existe consenso sobre as estratégias a seguir para a sua concretização.

Será com Sayyid Qutb e as suas obras redigidas após o ano de 1954 que o Islamismo sofrerá uma radicalização. Se até à década de 1960, este era tido sobretudo como uma corrente intelectual, vários acontecimentos conduziram à adopção de posições mais radicais após essa data e esta ideologia assume-se como um desafio aos regimes árabes existentes e começa a ser considerada uma ameaça por parte do Ocidente.

A partir do final da década de 1970, o Islamismo assume em definitivo um lugar de destaque na política interna dos países muçulmanos e no âmbito das relações internacionais. A Revolução Iraniana, em 1979, as tentativas da Arábia Saudita e de outros países do Golfo de promoverem o Islão sunita e o início da luta no Afeganistão acabou por disseminar a crença de que apenas o Islão poderia conduzir a mudanças concretas na vida das pessoas e levar à criação de sociedades mais justas.²

Wahhabismo

Durante a segunda metade do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, ecoaram por todo o mundo muçulmano apelos para a reforma da comunidade. O teólogo e jurista Muhammed ibn 'Abd al-Wahhab (1703-1792), originário da península arábica, foi uma das figuras proeminentes deste período. Este deu início a um movimento cujo objectivo era a reforma social e renovação religiosa com vista a melhorar a sociedade sua contemporânea considerada *jahiliyya*, ou seja, corrupta, politeísta, materialista e ignorante no que se refere aos comandos divinos tal como a sociedade arábica pré-islâmica.

À semelhança de outros movimentos revivalistas deste período que procuravam a salvação na pureza do Islão, o Wahhabismo surgiu como reacção ao sentimento de declínio moral e intelectual e de fragmentação política, económica e social que afectava a sociedade da península arábica.

² Alison Pargeter, *The New Frontiers of Jihad. Radical Islam in Europe*, Londres, I.B. Tauris, 2008, p. 4.



Nessa altura, aquele território estava sob administração otomana, embora profundamente dividido pela luta entre clãs e tribos.

O iniciador do Wahhabismo foi inspirado pelo pensador sírio do século XIII, Ibn Taymiyya, o qual apelava a uma interpretação literal e rigorosa das fontes religiosas e enfatizava que o exemplo a seguir seria o das primeiras gerações de Muçulmanos e companheiros do Profeta. De igual forma, Al-Wahhab considerava que a mensagem de Alá transmitida por Maomé tinha sido subvertida devido ao afastamento das fontes originais do Islão. Tal como o Ibn Taymiyya, defendia que o verdadeiro Islão era o das primeiras gerações de Muçulmanos, rejeitando o legado teológico e legal dos séculos decorridos desde o advento do Islão. Apelava à observação rigorosa das normas islâmicas contidas no Alcorão e na *Sunnah* (costumes e tradições que pautaram a vida do Profeta) e ao exemplo dos antecessores devotos, de modo a criar uma sociedade islâmica mais justa.

A crença na *tawhid*, a doutrina da unidade e unicidade divina, era central na teoria de Al-Wahhab. Apenas Deus deveria ser objecto de culto, pelo que rejeitava as práticas populares, os santos, profetas e a adoração de túmulos e santuários. Estes – bem como a música, dança, uso de talismãs e as inovações repreensíveis – corrompiam os princípios seguidos pelos companheiros do Profeta. Os Sufis e os Xiistas eram igualmente rejeitados. A sua doutrina não aceitava aqueles Muçulmanos que não partilhassem das ideias wahhabitas, os quais acabavam por ser estigmatizados como idólatras, objecto de excomunhão e de *jihad* armada. Ainda hoje, o Wahhabismo conserva como características principais o dogmatismo religioso, a austeridade, o conservadorismo social e a condescendência política para com o regime que o alberga.

Perseguido na sua cidade de origem, Al-Wahhab acaba por ser acolhido pelo clã de Saud, em Diriya, os quais se servem dos seus ensinamentos para se imporem às outras tribos da península. A expansão do poder político de Muhammed Ibn Saud anda a par com a disseminação das crenças wahhabitas. O Estado saudita expandiu-se à custa do pretexto da purificação da fé e da aplicação da Lei islâmica. As tribos foram obrigadas a submeterem-se ao poder político de Ibn Saud, pois a revolta contra aquele tinha adquirido o estatuto de acto pecaminoso. Embora o



primeiro (1744-1818) e o segundo (1823-1891) Estado saudita tenham entrado em colapso enquanto entidades políticas, o actual reino saudita é resultado da aliança político-religiosa entre a família Al-Saud e os pregadores wahhabitas.

Apesar do termo se referir originalmente à tradição religiosa desenvolvida ao longo dos séculos pelos *ulama* oficiais das instituições religiosas fundadas pelos herdeiros de Al-Wahhab, hoje é comum a sua utilização num sentido mais abrangente, contendo implicações políticas e sociais. Desde a fundação do Estado saudita, o Wahhabismo tem constituído a sua cultura religiosa, educativa e judicial.

O legado ideológico wahhabita estabelece o seguinte: o Islão é a solução para a decadência da sociedade, pelo que se impõe um regresso ao Alcorão e à *Sunnah* do Profeta; o objectivo deve ser a instauração uma comunidade governada pela *Shariah*, à qual todos devem obedecer; os que resistirem, Muçulmanos ou não, serão considerados inimigos de Deus.

O termo Wahhabismo foi vulgarizado sobretudo após 2001. A isto não é alheio os atentados de Setembro em Nova Iorque, nem o facto da maioria dos terroristas envolvidos e do líder da organização por trás daqueles ataques serem de nacionalidade saudita.

Escola Deobandi

A escola deobandi tem a sua origem na *madrassa* Dar ul Ulum, estabelecida em 1867, na cidade de Deoband, na Índia. Esta foi constituída como movimento reformista em reacção ao governo britânico. O objectivo dos Debandis era a purificação do Islão dos acrescentos da tradição e das influências ocidentais e externas, regressando ao Islão original do tempo do Profeta Maomé, pelo que a sua abordagem da religião se baseava no Alcorão e na *Sunnah*. Ao tentar eliminar práticas consideradas não-islâmicas, os Deobandis rejeitavam o culto dos santos e santuários sufis, os quais seriam o resultado da interacção dos Muçulmanos com elementos considerados descrentes e politeístas (os Muçulmanos constituíam naquela época uma minoria entre os Hindus).



Assim, esta tradição procurava educar os Muçulmanos para a prática correcta da religião. Este movimento tem uma visão restrita sobre o papel das mulheres e são tendencialmente anti-xiitas e anti-ocidentais. Por volta de 1967, existiam cerca de 8934 escolas fundadas pelos Deobandis na Índia e no Paquistão. A maioria destes rejeitou a partição da Índia e a fundação do Paquistão, considerada uma criação ocidental.

Desde a década de 1920, a posição apolítica desta escola traduziu-se no movimento transnacional *Tabligh Jamaat*, o qual rapidamente se difunde por varias partes do mundo muçulmano e pelas diásporas. No entanto, tendências islamistas como aquelas que geraram os Talibãs também têm origem neste movimento, já que a maioria dos líderes daqueles frequentaram *madrassas* de tendência deobandi no Paquistão.

Com efeito, durante a campanha contra os Soviéticos, o governo paquistanês do General Zia ul-Haq (o qual legitimou o seu governo através da islamização do Estado e da sociedade) encorajou o estabelecimento de *madrassas* desta tendência, onde os jovens pudessem ser doutrinados na ideologia islamista desde tenra idade.³ Estas rapidamente cresceram em número e influência, como consequência de diversos factores: o fluxo contínuo de refugiados afegãos; a incapacidade dos Paquistaneses pobres terem acesso ao sistema educativo; aos donativos generosos de patrocinadores paquistaneses, sauditas e de outros Estados do Golfo, com a conivência de oficiais americanos. Os laços financeiros desenvolvidos com as caridades islâmicas e com o próprio governo da Arábia Saudita durante a luta contra os Soviéticos fortaleceu as ligações ideológicas entre os Deobandis e o Islão wahhabita. A maioria das *madrassas*, estabelecidas nas áreas rurais e junto aos campos de refugiados, era gerida por *mullahs* semi-educados, não propriamente versados na agenda educacional conservadora da escola deobandi. Estes *mullahs* promoviam ideias influenciadas quer pelos costumes tribais *pashtun*, quer pelo Wahhabismo. A influência deobandi atingiu o seu pico quando os Talibãs, estudantes das *madrassas* deobandis paquistanesas, assumiram o poder no Afeganistão em 1996.

³ Husain Haqqani, "Afghanistan's Islamist Groups", in Hillel Frandkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 5, Center on Islam, Democracy and The Future of the Muslim World, Hudson Institute, Washington, D.C., 2007, p. 78.



Originalmente, os Talibãs eram estudantes pobres de etnia *pashtun*, nascidos nos campos de refugiados do Paquistão. Desiludidos pela fragmentação, criminalidade e luta entre os senhores da guerra após a retirada soviética, impuseram como objectivo o restabelecimento da paz e da ordem, o reforço da *shariah* e o estabelecimento de um modo de vida islâmico no Afeganistão. A sua agenda era exclusivamente nacional. Os Talibãs eram apoiados pelos serviços secretos paquistaneses (ISI), já que eram considerados uma alternativa viável aos vários grupos *mujahidin*. De igual modo, receberam auxílio da Arábia Saudita e de várias organizações de caridade e indivíduos do Golfo Pérsico. Em cerca de dois anos (de 1994 a 1996), os Talibãs ganharam controlo sobre praticamente a maioria do Afeganistão, colocando em prática uma forma de Islão puritana, defendendo posições anti-Xiitas, anti-Sufis e com uma postura profundamente anti-modernista. O seu governo não se guiava por qualquer referência académica, islâmica ou histórica e eram implementadas políticas retrógradas, especialmente no que toca às mulheres. Só a intervenção militar de 2001 colocou um final naquele regime. No entanto, a maioria dos seus elementos nunca foram capturados e assiste-se actualmente a um ressurgimento deste movimento, sobretudo no sul do país e junto à fronteira com o Paquistão.

Tabligh Jamaat

O *Tablighi Jamaat* (Grupo para a Pregação e Propagação) nasceu na Índia, em 1926 (como vimos com origem na Escola Deobandi). Trata-se de um movimento missionário e formalmente apolítico, o que não significa que seja desprovido de objectivos políticos: apenas não procura o poder político para si próprio, embora possa tentar influenciar e pressionar os detentores desse poder a fim de que se comprometam a aplicar a lei islâmica. Estes rejeitam a acção política pública tal como ela se apresenta: partidos políticos, competição partidária e eleições.⁴ Considerando a sua atitude e interpretação das fontes religiosas, é um movimento conservador e

⁴ International Crisis Group, *Understanding Islamism*, Middle East and North Africa Briefing Nº 37, Cairo/ Bruxelas, 2 de Março de 2005, p. 8.



retrógrado. A sua abordagem do Islão baseia-se no Alcorão e na *Sunnah*, de modo a distinguir o que é normativo e secundário. Defendem a total separação entre os aspectos religiosos e os elementos culturais ou tradicionais, acusados de distorcerem a verdadeira natureza do Islão.

O movimento *Tablighi* surgiu na Índia, num contexto em que os Muçulmanos constituíam uma minoria e eram governadas por não muçulmanos. Este movimento constituiu-se como uma sociedade alternativa, promovendo um modo de vida muçulmano. Rapidamente se espalhou por todo o mundo muçulmano e pelas populações na diáspora. Esta organização conheceu algum sucesso entre as minorias muçulmanas espalhadas pelo mundo, mas sobretudo na Europa entre as populações muçulmanas de origem emigrante. Simultaneamente, o grupo tem consolidado as suas posições em alguns países do mundo árabe, como em Marrocos e Argélia, e no Sudeste Asiático, onde a sua presença tem crescido em países como a Indonésia, Malásia, Tailândia e sul das Filipinas.⁵

O *Tablighi Jamaat* descreve-se a si próprio como um grupo apolítico, não violento e interessado apenas em fazer regressar os Muçulmanos ao Islão. O seu principal intuito consiste em preservar a fé, coesão e identidade da população muçulmana. Para tal, oferecem elaboradas definições do que consiste ser Muçulmano, sobretudo no que toca ao código que rege o comportamento individual.⁶ Apesar de tudo, apresentam uma mensagem simples e contendo os princípios de base do Islão. Baseando-se nos Textos sagrados, este comportamento enfatiza a prática do próprio Profeta e dos fundadores do Islão no século VII. Ao aderirem a este movimento, os adeptos rompem com o seu modo de vida anterior e adoptam hábitos islâmicos na sua conduta diária. O modo de actuação do *Tablighi* consiste na reunião de pequenos grupos de missionários que visitam mesquitas, locais de culto, campus universitários ou se aproximam dos mais desfavorecidos, pregando o regresso aos verdadeiros valores islâmicos. Com esta abordagem tentam captar novos membros, normalmente jovens do sexo masculino em busca de identidade, para dedicarem alguns dias ou semanas por ano à *da'wa* (pregação).

⁵ *Ibid.*

⁶ *Ibid.*



Este tipo de comportamento levanta algumas suspeitas em alguns sectores da sociedade. Com alguma frequência, este movimento é considerado e tratado como uma seita, no sentido em que transforma os seus novos adeptos em Muçulmanos “renascidos” e os leva a cortar laços com a sociedade envolvente. Por norma, é esta separação da sociedade que dá azo a algumas críticas por parte das autoridades e teólogos muçulmanos.

A sua caracterização coloca-o na esfera do Islamismo de cariz missionário, não podendo ser considerado um movimento radical. Porém, por defenderem uma religião mais restritiva e rejeitarem determinados aspectos da vida ocidental, acabam por levantar algumas suspeitas. Nalguns países europeus, este movimento transnacional já foi acusado de fomentar um ambiente propício à divulgação de ideais mais extremistas. O problema reside no facto de alguns elementos deste movimento terem assimilado um tom mais duro. Por exemplo, em França, o movimento parece ter servido de plataforma para alguns indivíduos que acabaram por transitar para grupos radicais. Entre estes destacam-se Zacarias Moussaoui, condenado nos EUA pelo envolvimento nos atentados de 11 de Setembro de 2001, e Djamel Beghal, membro confesso da Al-Qaeda, tendo sido condenado pelo envolvimento numa tentativa de atentado à embaixada americana em Paris. Ambos foram seguidores do movimento antes de evoluírem para grupos defensores de uma ideologia extremista. Não existe, contudo, nenhuma ligação provada entre este grupo e actos radicais.

Irmandade Muçulmana

Nem Muhammed Abduh, nem Rashid Rida tinham tido sucesso na tradução das suas ideias para movimentos unificados, instituições estáveis e na delineação de uma forma de governo. Essa limitação será superada por Hassan al-Banna, o qual criou a Irmandade Muçulmana, em 1928, em resposta ao colonialismo e ocidentalização que corrompia a sociedade egípcia naquela altura. Este grupo, bem como o movimento formado por A'la Mawdudi na Índia em 1941, defende que o Islão deveria estar no centro da organização política, social e económica. A Irmandade constituiu a



primeira forma articulada do Islamismo político, já que defendia o estabelecimento de um Estado islâmico como alternativa ao sistema política da época.⁷ Actualmente, estas organizações procuram implementar reformas através de canais legais e, por essa razão, são consideradas por muitos como representantes de um Islamismo moderado. Recorrendo a uma abordagem gradual da mudança e a uma mensagem simples e conservadora, defendem uma islamização da base para o topo da sociedade, educando toda a população para o estabelecimento de um Estado islâmico.

Embora inicialmente contestasse a legitimidade dos Estados, resultado da divisão do Médio Oriente pelas potências colonizadoras, a Irmandade acaba por assumir uma postura mais pragmática ao longo do tempo, resultado da sua flexibilidade e capacidade para se adaptar a novas circunstâncias. As perseguições aos seus membros durante as décadas de 1950 e 1960 acaba por conduzir não só à saída de muitos daqueles para outros países – levando consigo a doutrina da organização a que pertenciam –, mas também à radicalização de muitos outros elementos. Sayyid Qutb acaba por se tornar o ideólogo mais importante da organização – suplantando a nível de ideias e conteúdo doutrinário o próprio fundador do movimento –, sendo hoje considerado o padrinho dos islamistas radicais-*jihadistas*. Este acaba por ser condenado à morte pelo regime egípcio em 1966, mas as suas ideias continuam a ser amplamente difundidas nos meios islamistas até aos nossos dias.

A Irmandade acaba por se ver dividida entre duas visões opostas: uma visão reformista preconizada pelo novo líder da organização a partir de 1951, Hassan al-Hudaybi, a qual defende a actuação dentro do sistema e a procura de reconhecimento por parte desse mesmo sistema; e a visão radical de Qutb, a qual rejeitava totalmente a ordem social existente. As ideias defendidas por este autor e a Guerra dos Seis Dias, em 1967, acabam por estar na base do aparecimento de outros grupos islamistas no Egipto. O *Takfir w'al-Hijra*, a *Jamaat Islamiyya* e a *Al-Jihad* aparecem como variantes do movimento inicial, mas ao contrário daquele, não hesitam no recurso à força para tentar desestabilizar política e economicamente a

⁷ Pargeter, *op. cit.*, p. 7.



sociedade. Muitos destes grupos herdeiros do pensamento de Qutb debatiam-se com a falta de apoio popular alargado, movendo-se nas margens da sociedade. A excepção será a *Jamaat Islamiyya*, a qual a partir da década de 1970 pregou e recrutou intensamente junto da população estudantil.

Actualmente, a Irmandade Muçulmana (e seus ramos em vários países do Médio Oriente e Golfo Pérsico) tenta obter o poder através de eleições, promover a construção de uma sociedade islâmica através da mobilização social, apoio às camadas desfavorecidas e difusão dos ideais islâmicos. A organização possui clínicas, escolas, infantários, sociedades de apoio a pobres e ocupa importantes posições no seio de associações profissionais e sindicatos. No caso egípcio, constituem a maior força de oposição ao regime de Hosni Mubarak. Apesar de permanecerem um movimento ilegal para as autoridades egípcias, é tolerada pelo sistema – sobretudo no que respeita ao seu papel social, onde tem grande margem de manobra e, até certo ponto, político – e actua dentro desse mesmo sistema. No seguimento do sucesso eleitoral de 2005 – onde participaram em coligação com outros partidos ou na condição de independentes –, a Irmandade ocupa actualmente 20% dos lugares do Parlamento do Egipto.

A participação da Irmandade Muçulmana no jogo político e eleitoral tem-lhe valido fortes ataques por parte de grupos islamistas mais radicais e de tendências *jihadistas*.⁸ No entanto, se o movimento renunciou à violência no interior do Egipto, é muito criticado por não hesitar em apoiar outros grupos considerados organizações terroristas pelos países ocidentais, como os militantes palestinianos HAMAS.

Salafismo (*Salafiyya*)

Na sua essência, o Salafismo, ou *Salafiyya*, era um conceito reformista, sem qualquer conotação ou conteúdo radical. O termo denomina aqueles que seguem o exemplo dos companheiros (*salaf*) do Profeta. Como estes aprenderam directamente com o Profeta, os Salafitas acreditam que

⁸ Israel Elad-Altman, "The Egyptian Muslim Brotherhood after the 2005 Elections", in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, Vol. 4, Washington, D.C., Hudson Institute, 2006, p. 18.



aqueles praticavam o Islão autêntico. Conseqüentemente, os Muçulmanos devem purificar a sua religião das tradições e inovações censuráveis, seguindo estritamente o Alcorão, a *Sunnah* e o exemplo da primeira comunidade de Muçulmanos, e os seus comportamentos devem ser sancionados por estas fontes religiosas.

Quando Muhammed Abduh formulou as suas ideias relativas à revitalização do Islão, dando origem ao termo Salafismo, este visava precisamente a reforma do mundo islâmico através do retorno à religião dos “piedosos antepassados”, aos ensinamentos do Profeta e ao Alcorão. É com o discípulo de Abduh, o sírio Rashid Rida, que o movimento *Salafiyya* assume posições mais rigorosas, sobretudo no período entre as duas guerras mundiais. Rida empenhou-se com uma tendência mais tradicionalista e em ruptura com o Ocidente. Historicamente, o Salafismo dirigiu-se a Muçulmanos em países onde a sua presença é predominante, tentando criar uma sociedade mais islâmica. Com as alterações políticas e históricas do mundo islâmico, este movimento passou a incluir também como objectivo a recuperação das terras do Islão para os Muçulmanos.

O movimento salafista tem uma história longa, existindo diferenças ideológicas e metodológicas notáveis entre a geração de salafitas do passado e a actual geração. O Salafismo contemporâneo é um movimento conservador seguido por vários grupos islamistas sunitas. Este tenta recriar o Islão em oposição às imitações e sobretudo à ocidentalização, baseando-se em interpretações literais das Escrituras. Toda a sua acção é focada na transformação do indivíduo, no seu comportamento, código de conduta e na rigorosa observação das prescrições da fé.

Durante as décadas de 1960-70, o movimento salafita viu-se irreversivelmente associado à hegemonia wahhabita. Tal aconteceu por vários motivos. Durante a perseguição a que foram sujeitos a partir de 1954 pelo regime de Nasser, muitos elementos da Irmandade Muçulmana egípcia refugiaram-se em vários países da região, como a Síria, Jordânia e na Arábia Saudita, e alguns chegaram mesmo a fugir para países europeus. Na Arábia Saudita, a Irmandade representava um contra-poder ao Nacionalismo de Nasser. Além disso, as credenciais religiosas e intelectuais dos Irmãos Muçulmanos pareceram ideais para ocupar os muitos empregos



disponíveis no sistema educativo em expansão naquele reino, bem como na administração e no governo. Deste modo, deu-se pela primeira vez o encontro entre o Islamismo egípcio herdeiro do pensamento salafita com a corrente wahhabita. Por outro lado, a expansão da influência política saudita na sequência do choque petrolífero de 1973/74 também contribuiu para esta aproximação, bem como a determinação daqueles em se apresentarem como guardiães e defensores do Islão, a partir de 1979. Apesar das diferentes raízes históricas dos dois movimentos, a convergência entre ambos a partir daquela altura, fez com que se criasse uma tendência para a utilização dos dois termos de modo indiferenciado. Apesar desta conotação com a tradição wahhabita, o Salafismo é um movimento mais abrangente e resulta de um processo de desenvolvimento diferente.

O Salafismo está disseminado por todo o mundo muçulmano e pelas diásporas no Ocidente. Com frequência, as interpretações salafitas do Islão exercem um certo fascínio em Muçulmanos que procuram respostas na religião para os desafios da modernidade.

Presentemente, distingue-se alguma diversidade no seio do próprio movimento salafita. Apesar de uma matriz intelectual comum, os salafitas englobam uma gama muito variada de posicionamentos políticos. Alguns destes grupos têm uma agenda estritamente religiosa e apolítica, insistindo na purificação das práticas e da fé islâmica. Outros acabaram por influenciar uma tendência modernista dentro do Islão. Outros, ainda, radicalizaram-se e enveredaram por estratégias violentas. Com o aparecimento destas franjas activistas no interior do movimento convencionou-se distinguir entre uma corrente mais académica ou científica, com frequência denominada de *al-Salafiyya al-ilmiyya* e uma corrente designada por *al-Salafiyya al-jihadiyya* ou Salafismo *jihadista*.⁹ Esta última corrente teve origem na radicalização do movimento, durante o conflito afegão na década de 1980. Os salafitas *jihadistas* representam uma pequena percentagem da população salafita (ver anexo I). Estes acreditam que a violência pode ser utilizada para estabelecer Estados islâmicos e confrontar os EUA e aliados, enquanto a primeira corrente rejeita o recurso à violência e dá ênfase à pregação.

⁹ International Crisis Group, *Understanding Islamism*, p. 11.



Salafismo *jihadista*

O Salafismo *jihadista* resulta da mescla do conservadorismo salafita (que concentra as suas atenções tradicionalmente nos assuntos internos do Islão) e das tendências *jihadistas* radicais. Esta corrente combina o respeito pelos textos sagrados na sua forma mais literal com um compromisso absoluto com a *jihad*. Durante a luta contra os Soviéticos, na fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão, fundem-se várias tendências ideológicas e políticas, com a chegada de indivíduos de diferentes países, origens e *backgrounds*. Naquele território diversas mesquitas, escolas religiosas e centros de acolhimento para os *mujahidin* árabes foram responsáveis pela difusão da corrente *jihadista*. Assim, o *Jihadismo* tem um carácter transnacional, o que se fica a dever ao facto de incorporar indivíduos de várias nacionalidades. De igual modo, a sua heterogeneidade e complexidade provêm das prioridades políticas e estratégicas divergentes dos seus actores.

Ao longo da década de 1980, vários factores convergentes promoveram o desenvolvimento da corrente salafita *jihadista*, como por exemplo, a fusão do puritanismo salafita-wahhabita e das tendências mais radicais do Islamismo egípcio no Afeganistão. Por um lado, os Sauditas, desejosos por limitar a difusão do Comunismo no sul da Ásia e de fortalecer o Islão sunita por oposição ao Xiismo iraniano, canalizaram dinheiro e a promoção de ideias ultra-conservadoras para o Afeganistão. Por outro lado, muitos dos voluntários que para ali se deslocavam pertenciam a grupos de oposição islamista nos seus países de origem, onde se sentiam bloqueados pelas autoridades. Estes viram no Afeganistão uma oportunidade única para a criação de uma base segura para a consolidação doutrinária, desenvolvimento de tácticas, recrutamento e aquisição de experiência militar que lhes permitissem regressar aos seus países e combater os regimes ímpios existentes. Durante aquele período, o carisma e eloquência política e religiosa do palestiano Abdullah Azzam fizeram dele o pioneiro da corrente salafita *jihadista*, deixando um legado importante para o pensamento e doutrina islamista radical e para a teoria da *jihad* global.



O *Jihadismo* é um fenómeno relativamente recente no seio da tendência mais radical do movimento. A defesa da *jihad*, enquanto obrigação individual e permanente,¹⁰ começou por se desenvolver no Egipto: o Islão estava sob ataque e, como tal, aquela obrigação religiosa deveria ser conduzida como guerra defensiva, sem restrições ou limitações. Qutb defendia que a *jihad* se assumia como uma revolução permanente contra os inimigos do Islão usurpadores da soberania divina. Muhammed Abd al-Salam Faraj, o ideólogo da *Al-Jihad*,¹¹ considerava a *jihad* um imperativo com vista a derrubar os governantes infiéis e implementar um governo e Estado verdadeiramente islâmicos. A prioridade máxima era o combate contra os regimes locais corruptos. Assim, os *jihadistas* utilizam a violência em nome da religião, tentando tomar o poder e islamizar a sociedade de modo autoritário. O terrorismo é considerado um meio legítimo e necessário na sua campanha para re-islamizar o mundo muçulmano e derrubar os regimes locais que acusam de seculares e dependentes do Ocidente.

À semelhança dos restantes islamistas radicais, os *jihadistas* tendem a considerar-se a vanguarda da *ummah*, detentores do monopólio da verdade e da moral e os únicos Muçulmanos com qualificações para impor o Islão autêntico aos restantes. Aqueles interpretam os cânones religiosos de modo altamente selectivo e reaccionário e tentam impor a sua interpretação desses textos ao Estado e à sociedade. Consequentemente, muitos dos *jihadistas* são adeptos da doutrina *takfiri*, excomungando (sem que tenham qualquer autoridade para o fazer) aqueles Muçulmanos que fazem uma leitura diferente dos preceitos islâmicos e que não se juntam à sua luta. As organizações de inspiração salafita *jihadista* tentam restaurar as glórias do passado da nação islâmica através da guerra contra os restantes Muçulmanos, os quais são considerados inimigos.¹² Com efeito, as vítimas das organizações *jihadistas* são, muitas vezes, Muçulmanos e não estrangeiros como aquelas afirmam.

¹⁰ Na concepção clássica e modernista, a *jihad* obedece a princípios e regras específicas e é um dever colectivo determinado pelo conjunto da comunidade.

¹¹ Organização responsável pelo assassinato do Presidente Anwar al-Sadat, em 1981.

¹² Yair Minzili, "The Jordanian regime fights the war of ideas", in Hillel Frandkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 5, Center on Islam, Democracy and The Future of the Muslim World, Hudson Institute, Washington, D.C., 2007, p. 64.



O movimento *jihadista* é composto por três variantes, as quais dependem dos contextos, dos objectivos e das estratégias seguidas. O *jihadismo* irredentista traduz a luta pela recuperação da terra do Islão a governos não Muçulmanos ou a ocupantes externos. É o caso das lutas levadas a cabo no Afeganistão, na Chechénia ou na Palestina. O *jihadismo* interno implica a luta contra os regimes muçulmanos considerados ímpios e, como tal, são vistos como alvos legítimos. É o caso do Grupo Islâmico Armado na Argélia ou da *Al-Jihad* e do Grupo Islâmico no Egipto.

O *jihadismo* global envolve a *jihad* contra o Ocidente, entendido como inimigo do Islão, responsável pela existência de Israel e apoiantes de regimes muçulmanos corruptos. A globalização do *Jihadismo* deu-se a partir de meados da década de 1990, com o aparecimento da organização conhecida por Al-Qaeda e grupos a esta associados, apesar das sementes terem sido plantadas durante os anos 1980 com a ida para o Afeganistão de muitos jovens do Médio Oriente e Sul da Ásia para lutar contra o ocupante soviético.

A passagem de uma estratégia local para uma global teve lugar num contexto internacional específico: a retirada dos Russos do Afeganistão e o colapso da União Soviética; a guerra do Golfo de 1991 e o estabelecimento permanente de forças militares americanas em solo saudita, ferindo as sensibilidades religiosas de muitos súbditos daquele reino; e o insucesso de diversos grupos islamistas no conflito que os opunha aos seus governos, o que os motivou a redefinir a noção de inimigo.

As forças internacionais que ocuparam o Afeganistão após 2001 conseguiram dismantelar as infraestruturas principais da rede Al-Qaeda, capturar muitos dos seus líderes e arrasar com o seu santuário. Tal possibilitou uma alteração importante: o surgimento de uma segunda geração de *jihadistas* inspirados pela ideologia que promove o confronto à escala global, mas não controlados directamente pela rede Al-Qaeda, a qual, segundo muitos autores, desapareceu enquanto estrutura hierarquicamente estruturada, tendo-se tornado uma ideia e fonte de motivação para outros grupos. A ideologia *jihadista* actual tem uma natureza descentralizada e multipolar: é partilhada por várias células e grupúsculos, os quais têm uma existência autónoma. Estas podem surgir



espontaneamente em qualquer parte do mundo e sem qualquer ligação entre si. Qualquer indivíduo que simpatize com o ideário *jihadista* pode tomar a iniciativa de formar a sua própria célula, planear e executar ataques, fazer alianças e desmembrar o grupo. Neste sentido, os actuais meios de comunicação e informação, como a Internet, desempenham um papel fundamental ao possibilitar os contactos, discussões ideológicas e a doutrinação e recrutamentos de novos elementos.

Os Salafitas *jihadistas* tentam mobilizar os Muçulmanos para a *jihad* contra o Ocidente ímpio, decadente e arrogante e para a luta contra os regimes apóstatas do mundo muçulmano através de uma estratégia de vitimização dos Muçulmanos, de uma retórica anti-ocidental e da tentativa de opor o Ocidente ao Islão. A invasão do Iraque, por exemplo, constituiu uma oportunidade para estes islamistas, pois foi considerada a confirmação das intenções maléficas dos Norte-Americanos no Médio Oriente. Os ideólogos descrevem aquela luta, como o melhor exemplo do sofrimento a que os Muçulmanos são sujeitos pelos Ocidentais.

A presença das diversas correntes em solo europeu

A partir da década de 1980, a Europa tornou-se um local importante para alguns ideólogos islamistas, muitos dos quais procuravam fugir das perseguições de que eram alvo nos seus países de origem. Alguns destes islamistas participaram no conflito afegão, após o qual viram barradas as suas tentativas de regressarem aos respectivos países de origem (onde pretendiam continuar a luta contra os regimes domésticos), ou tiveram breves passagens pela Arábia Saudita, país que consideravam o centro do mundo islâmico e do Islão puro. Sem muitas alternativas, restou-lhes seguirem o exemplo dos muitos imigrantes de vários países do Médio Oriente e Norte de África, os quais, durante a segunda metade do século XX, procuraram trabalho e melhores condições de vida na Europa.

Este continente, com as suas políticas de asilo e liberdade de expressão e movimentos, assumiu-se como o local ideal para o estabelecimento destes indivíduos, com algumas cidades europeias a transformarem-se em pólos de comunicação relevantes para o movimento.



Nestas encontram frequentemente meios de financiamento para as suas actividades e legislação favorável. A Grã-Bretanha assume-se como a local mais visível desta tendência, sobretudo a cidade de Londres, mas também a França e a Alemanha.

A partir de território europeu, estes elementos pertencentes a movimentos de oposição islamista aos regimes nacionalistas seculares que se ergueram nos escombros da experiência colonial, continuavam os seus esforços de luta contra os seus governos e as elites corruptas e ocidentalizadas, que nada tinham em comum com a maioria da população. Esta vivia em condições precárias e tinham visto as suas expectativas políticas, económicas e sociais defraudadas pelos regimes no poder. Estes mesmos regimes recorriam à repressão como modo de abafar qualquer tipo de oposição ao seu poder. Na Europa, não existindo restrições ao seu envolvimento activo em questões políticas, nem à condenação pública aos seus governos, estes actuavam em prol da criação de verdadeiros Estados islâmicos no mundo muçulmano e, com tal objectivo em mente, fundavam centros islâmicos e organizações de apoio às lutas nos seus respectivos países.

Considerando o grau de desenvolvimento dos movimentos islamistas do Egipto e da Síria e a natureza daqueles regimes, não é de estranhar que muitos dos jovens partidários daquela ideologia que chegavam à Europa fossem provenientes daqueles países, bem como de outros países magrebinos. É o caso de Abu Mus'ab al-Suri, também conhecido por Mustafa Setmarien Naser, Eddin Barakat Yarkas ou Abu Dahdah, Omar Bakri Muhammed, Issam al-Attar e Abu Hamza al-Masri. Estas e outras figuras, enquanto produtos de sociedades política e socialmente volúveis, foram os responsáveis por lançar as sementes do Islão radical na Europa, ao mesmo tempo que assumiam o papel de guias de uma nova geração.

Muitos destes que se estabeleceram em território europeu eram membros da Irmandade Muçulmana, nos vários países onde aquela marcava presença. Perseguidos sobretudo a partir da década de 1950, os Irmãos Muçulmanos aproveitaram as políticas de imigração liberais de alguns países europeus e fixaram-se neste território. Aqui favoreceram o estabelecimento de redes de mesquitas, centros de apoio e caridade e



organizações islâmicas, as quais eram ramificações da Irmandade ou, pelo menos, estavam ideologicamente ligadas àquela. A sua influência fez-se sentir em numerosas organizações representativas dos Muçulmanos, nomeadamente na *Union des Organisations Islamiques de France* (UOIFF), fundada em 1983, por um grupo de Marroquinos e Tunisinos que pretendiam divulgar o Islão tal como era interpretado pela Irmandade. Do mesmo modo, parecem ingerir-se na *Muslim Association of Britain* (MAB), fundada por um Egípcio em 1997, e na *Unione delle Comunità ed Organizzazioni Islamiche in Italia* (UCOII). Acredita-se que a Irmandade também influencia algumas associações de estudantes muçulmanos em universidades ocidentais. Considerando a dimensão da população muçulmana, parece natural que os principais centros de influência da Irmandade sejam o Reino Unido, França e Alemanha. Assim, a Irmandade Muçulmana acaba por influenciar o modo como o Islão é praticado em solo europeu, mas também o modo como ele é percebido por parte de governos e sociedade. Um dado importante sobre este movimento é o facto de ter usufruído de avultados fundos sauditas, os quais foram utilizados para financiar as suas actividades e as suas obras de caridade pelo mundo fora. Aliás, os próprios Sauditas concederam posições importantes a elementos da Irmandade em muitas das suas organizações de caridade, incluindo as existentes na Europa.¹³ A relação entre ambas as correntes trazia benefícios mútuos: os Irmãos Muçulmanos colocavam o seu intelecto e excelentes capacidades organizacionais ao serviço dos Sauditas e estes retribuía com o seu dinheiro e poder.

Assim, a tolerância de que alguns elementos da Irmandade Muçulmana beneficiaram em solo europeu associado ao apoio financeiro proveniente do Golfo permitiu a este movimento disseminar a sua influência por toda a Europa e constituir tentáculos internacionais fora do mundo islâmico.

Por outro lado, a Europa não assistiu à chegada significativa de indivíduos provenientes de países como a Arábia Saudita ou o Iémen e a Jordânia. Porém, tal não significa que a doutrina wahhabita saudita não marcou presença em solo europeu, já que numerosos factores a fizeram

¹³ Pargeter, *op. cit.*, p. 23.



chegar até este continente. Os Sauditas (e outros Estados ricos da região) compensavam a ausência dos seus nacionais no mundo ocidental com o envio de importantes somas de dinheiro, não só destinadas a ajudar a implementação de outros movimentos, como acabamos de ver, mas também para suportar acções de propaganda, mesquitas, centros islâmicos, escolas e outras obras. Outro aspecto importante é o facto do regime saudita ter procurado, não raras vezes, colocar sob seu controlo as estruturas islâmicas já existentes.

O Wahhabismo também foi introduzido em solo europeu através da chegada de cidadãos de outros países que anteriormente tinham habitado e trabalhado na Arábia Saudita.¹⁴ Assim, muitos dos imigrantes oriundos de países como o Paquistão e Bangladesh que actualmente vivem na Europa, nomeadamente em Portugal, passaram antes por aquele reino, tendo ficado expostos à corrente wahhabita do Islão. Sob influência desta, muitos poderão ter assumido posições mais conservadoras no que toca à religião, através da incorporação de práticas e elementos religiosos wahhabitas.

Com efeito, desde a década de 1960 que o regime saudita vinha já desenvolvendo vastos esforços no sentido de promover a sua forma do Islão pelo mundo fora, através do financiamento de vários tipos de actividades: produção e distribuição de publicações vinculando o ponto de vista wahhabita; construções de mesquitas e envio de imãs um pouco para todo o mundo (por exemplo, a Mesquita M30 de Madrid e respectivo Centro Cultural Islâmico, a Mesquita Central de Lisboa, a Mesquita Central de Londres, a Mesquita de Roma e o Centro Cultural Islâmico de Bruxelas); o estabelecimento de várias organizações islâmicas. Entre estas destacam-se as instituições de caridade com gabinetes em países europeus, como a *Muslim World League* (sendo algumas delegações administradas por Irmãos Muçulmanos), cujo primeiro gabinete abriu em Paris, em 1977, e a *World Assembly of Muslim Youth*. A Arábia Saudita apoiou, igualmente, iniciativas como a *Association des Étudiants Islamiques de France* (AUIF), fundada em 1963, e que contava entre os seus membros com Hassan Al-Turabi, futuro

¹⁴ A Arábia Saudita (tal como outros Estados do Golfo Pérsico) teve necessidade de importar mão-de-obra após a crise petrolífera de 1973, de modo a colmatar a falta de população no reino. A partir do início da década de 1980 aumenta o recrutamento de trabalhadores, sobretudo nos países do Sul e Este da Ásia. Assim, muitos Paquistaneses, Indianos e Bangladeshis dirigem-se para aquele país.



líder islamista sudanês. A propaganda saudita e os seus esforços missionários alertavam as comunidades no Ocidente para a necessidade de regressarem ao caminho correcto do Islão, nomeadamente através de uma educação islâmica para as crianças, e para o modo como poderiam sobreviver num ambiente não islâmico.

Estes esforços não tinham na sua base apenas um interesse missionário, mas também eram conduzidos com objectivos políticos em mente, sobretudo atendendo ao contexto da Guerra Fria.¹⁵ O regime saudita pretendia conter os regimes nacionalistas do Médio Oriente, os quais tinham o apoio da União Soviética, bem como limitar a crescente oposição interna adepta de uma versão mais militante do Islão. Foram adeptos desta visão que, em 1979, tomaram a mesquita de Meca. Deste modo, o regime tentava realçar as suas credenciais wahhabitas como meio de preservar a sua legitimidade política.

Com a Revolução Iraniana de 1979, os Sauditas intensificaram os seus esforços de modo a conter a suposta liderança e crescente importância do Irão no mundo islâmico. O rei Fahd financiou pessoalmente a construção de 210 centros islâmicos e apoiou a construção de mais de 1500 mesquitas, 202 colégios e quase 200 escolas destinadas à educação de crianças muçulmanas em países não islâmicos, incluindo alguns europeus.¹⁶ Obviamente, tudo isto poderia ter um preço, já que os Sauditas estavam livres de constrangimentos no que toca a imporem condições, nomeadamente a nível de conteúdo dos sermões proferidos nas mesquitas.

A exportação do credo saudita foi financiada graças aos lucros petrolíferos e produziram resultados nem sempre evidentes. Aliás, estas actividades foram passando despercebidas durante muitos anos e só os eventos de 2001 as trouxeram para a atenção pública. A realidade é que o regime saudita foi um dos mais bem sucedidos na disseminação da sua versão de Islão ultra-ortodoxa. Através da *da'wa* e das somas avultadas de dinheiro, a Arábia Saudita criou uma geração de islamistas que tentavam impor a sua rígida ideologia às comunidades muçulmanas em todo o

¹⁵ Pargeter, *op. cit.*, p. 21.

¹⁶ *Ibid.*



mundo. Embora politicamente alinhado com o Ocidente, o reino saudita promoveu um discurso antagónico aos valores culturais ocidentais.

O movimento *Jamaat-i-Islami* criado por outro grande precursor do Islamismo, A'la Mawdudi, também tem ramificações na Europa. Durante as décadas de 1950-60, com o estabelecimento de imigrantes indianos e paquistaneses no Reino Unido, alguns seguidores de Mawdudi fundaram a primeira organização ligada ideologicamente à *Jamaat*: a *U.K. Islamic Mission*. Esta tinha como objectivo provocar um novo despertar espiritual e construir uma sociedade baseada nos ideais, valores e princípios do Islão. Em 1973, aquela organização cederia lugar à *Islamic Foundation*, situada em Leicester, actualmente uma das maiores instituições de Estudos Islâmicos na Europa. Durante a crise despoletada pela publicação dos "Versículos Satânicos", de Salman Rushdie, esta fundação forjou laços estreitos com a Arábia Saudita, e ambas apelaram à mobilização dos Muçulmanos, procurando assumir a vanguarda da contestação que se gerou àquela obra. No entanto, esse debate acabaria por ser liderado pelo regime iraniano, quando a 14 de Fevereiro de 1989, o *Ayatollah* Khomeini – desejoso por se vingar dos Sauditas pelo apoio destes ao Iraque, durante o conflito que opôs os dois países –, emitiu uma *fatwa* condenando o escritor britânico à morte. A rivalidade entre os dois regimes do Golfo passaria também a ter como palco a Europa!

As tendências islamistas ditas apolíticas ou missionárias, como o *Tabligh Jamaat*, também têm uma presença sólida no continente europeu. Estes actuam junto das comunidades islâmicas, tentando fazê-las regressar ao Islão dos primeiros tempos. Em Portugal, onde conta com muitos adeptos, o grupo começou a ganhar expressão no início da década de 1980, por intermédio de alguns Moçambicanos descendentes de Indianos. Actualmente, esta tendência vai adquirindo alguma importância entre os Muçulmanos do país, já que existe um interesse crescente em conhecer o pensamento desta corrente. Tal poderá ser interpretado como consequência da revitalização de algumas práticas religiosas entre uma população imigrante cada vez mais numerosa, oriunda de contextos culturalmente diferentes. É notória, por exemplo, a influência deste movimento entre a crescente população do Bangladesh. Aliás, decorre anualmente na Mesquita



Central de Lisboa um encontro que reúne os membros desta corrente presentes em Portugal e elementos oriundos de várias partes do mundo. Adicionalmente, existem pequenos grupos *tablighis* que se deslocam a Portugal durante o ano, provenientes de países como o Paquistão, África do Sul, Inglaterra, Espanha e França.

Relativamente ao Salafismo, este ultrapassou os limites do Médio Oriente e Norte de África, expandindo-se para o sul e sudeste asiático, para a África subsahariana e para a Europa. Este desenvolvimento ficou-se a dever a múltiplos factores, que vão das forças da globalização ao patrocínio saudita. Em território europeu compete com as restantes tendências do Islão mencionadas.

A Europa viu-se, assim, na encruzilhada de várias correntes de pensamento islamistas. Estas resultaram de uma convergência de vários factores: dinheiro saudita circulava pelo continente, quer promovendo a versão saudita do Islão, quer em associação com correntes pietistas que diziam querer promover a fé islâmica, quer aliado aos cérebros de vários tipos de organizações, tais como a Irmandade Muçulmana; outros Estados do Médio Oriente tentavam influenciar as comunidades muçulmanas na Europa, nomeadamente o Irão após 1989; por fim, diversos indivíduos partidários de visões político-religiosas extremadas e perseguidos nos seus países de origem procuram refúgio na Europa. Durante as décadas de 1980-90, a ideologia islamista cresceu na Europa e as diversas organizações e instituições partidárias daquela com presença neste território procuraram promover a ideia de *ummah* e iniciar uma nova era de consciencialização islâmica. Determinados regimes e organizações promotoras do Islamismo foram capazes de canalizar os sentimentos de alienação e falta de pertença existentes entre determinados elementos das comunidades muçulmanas europeias para forjar uma nova consciência islâmica. Em consequência deste activismo e dos recursos financeiros disponíveis aumentaram significativamente o número de mesquitas e centros islâmicos por toda a Europa. Porém, não deve ser esquecido que muitos destes locais de culto e centros não estavam vinculadas a nenhum Estado ou visões ideológicas específicas, tendo apenas como objectivo fazer respeitar os direitos



religiosos dos Muçulmanos residentes nos países europeus e representa-los junto da sociedade e Estado de acolhimento.

Mais recentemente, o território europeu tornou-se palco de várias redes de recrutamento *jihadistas*. Neste sentido, o velho continente tem assistido, nos últimos anos, à descoberta de estruturas salafitas *jihadistas* nos principais países da Europa ocidental. A implementação de redes operacionais e alianças entre grupos islamistas¹⁷ foi favorecida pela presença de vários expoentes desta ideologia, entre os quais os já referidos al-Suri, Abu Hamza, Omar Bakri Muhammed e o palestiniense Abu Qatada al-Filastini. Estas figuras foram centrais para a difusão dos ideais e da causa *jihadista*, bem como para reunirem apoios para diversos conflitos, como aqueles que tiveram lugar na Bósnia, Chechénia e Caxemira.

Al-Suri é um dos principais ideólogos do Salafismo *jihadismo* da actualidade, tendo também méritos reconhecidos como operacional e perito em tácticas de combate. Autor de numerosos livros, documentos, artigos e cassetes áudio, na Internet existem milhares de páginas da sua autoria. Acredita-se que Al-Suri, tendo percorrido muitos países europeus, seja o arquitecto de muitas células extremistas a operar em território europeu, através da definição de objectivos e da organização de estruturas operacionais. Deste modo, parece ter desempenhado um papel sem precedentes nos círculos islamistas *jihadistas* do velho continente, durante a década de 1990. No entanto, o Ocidente apenas se apercebeu da sua importância em 2004, quando foi apontado como possível cérebro do atentado de 11 de Março.

Al-Suri envolveu-se com o movimento de oposição islamista na Síria. Quando a facção da Irmandade a que pertencia foi descoberta, procurou refúgio na Jordânia, onde recebeu treino, especializando-se em engenhos explosivos e técnicas de guerrilhas. Em 1983, instala-se em França e três

¹⁷ Segundo dados não oficiais, desde 2005, cerca de quarenta organizações islamistas declararam lealdade à al-Qaeda, ou se preferirmos, ao movimento *jihadista* internacional, e aos seus objectivos estratégicos. Um dos exemplos mais conhecidos é a associação, por motivos oportunistas, do Grupo Salafita para a Prédica e Combate (GSPC), dissidente do Grupo Islâmico Armado argelino, à rede de Bin Laden. Esta política de alianças, as quais podem ter um carácter temporário ou permanente, traz vantagens consideráveis a ambos os movimentos: neste caso específico novos recursos humanos para a última organização e meios financeiros para os primeiros.



depois em Espanha, adquirindo a nacionalidade espanhola através do casamento.

Em 1987, parte para Afeganistão, onde permanece até 1991 na qualidade de instrutor militar e responsável pela preparação ideológica e intelectual nos campos de treino dos *mujahidin*. Ali encontra Osama Bin Laden e, no final da década de 1990, já novamente na Europa acaba por servir de intermediário entre este e vários meios de comunicação ocidental.

De regresso a Espanha, abandona a causa síria para se dedicar à causa *jihadista* internacional. Em 1994, muda-se para Londres, mas regressa ao Afeganistão quatro anos mais tarde. Ali inaugura um campo de treino e centro de acolhimento para estrangeiros, o qual funcionava também como centro de comunicação. O objectivo era a disseminação do pensamento *jihadista* e o apelo a uma resistência global.¹⁸ Neste desempenha várias tarefas: instrutor militar, professor, escritor e estratega. Naquele campo – independente da rede de Bin Laden, mas usufruindo de fundos daquele – foi responsável pela formação de toda uma geração de *jihadistas*, muitos dos quais provinham da Europa.

Al-Suri demonstrava ter um carácter frio e racional e um notável espírito crítico, mantendo-se sempre como um escritor independente. Sendo um dos principais ideólogos e estrategas do *Jihadismo* actual, é também uma potente figura política, possuindo uma cultura superior à da maioria dos *jihadistas*. Na sua perspectiva, o objectivo do movimento *jihadista* consistia na libertação do mundo islâmico da ocupação directa ou indirecta e o derrube de governo não islâmicos.

Após o 11 de Setembro, Al-Suri foi possivelmente o indivíduo que mais fez para formular uma nova estratégia para o movimento *jihadista*. Já por volta do ano 2000, aquele começou a falar da necessidade de empreender uma forma de “terrorismo individual” para substituir o terrorismo hierárquico e planificado de organizações como a Al-Qaeda,¹⁹ o que faz todo o sentido após a invasão do Afeganistão e a perda daquele que era considerado o santuário dos *jihadistas*. Este estratega defendeu a

¹⁸ Paul Cruickshank, Mohannad Hage Ali, “Abu Musab Al-Suri: Architect of the New Al-Qaeda”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, nº 1, 2007, p. 5.

¹⁹ Cruickshank e Ali, *op. cit.*, p. 8; Brynjar Lia, “Abu Mus’ab al-Suri: Profile of a Jihadist Leader”, *Conference The Changing Faces of Jihadism*, Londres, 28 de Abril de 2006, p. 3.



descentralização das unidades operativas e do seu treino, bem como o seu auto-financiamento, promovendo uma terceira geração de salafitas *jihadistas*. Esta deveria operar de modo independente e ser composta por operacionais nómadas que actuassem em nome do movimento alargado. Tal alteração do *modus operandi* era vista como essencial, pois as organizações hierárquicas secretas tinham perdido relevância e fracassado no que respeita a captarem novos membros. Tais organizações dependiam de estados de acolhimento, o que na conjuntura pós-2001 se tornaria impossível. A acrescentar a tudo isto, numa estrutura hierárquica existe o risco de um membro ser descoberto, expondo e colocando em perigo toda a organização.

O interesse por Al-Suri parece ter aumentado desde a sua alegada captura no Paquistão, no final de 2005. A sua maior contribuição para a causa *jihadista* situa-se no campo do pensamento estratégico. Os seus escritos nesta área tiveram um impacto enorme e têm potencial para fomentar o *Jihadismo* junto de novas audiências, especialmente jovens educados e familiarizados com a cultura ocidental, pouco motivados pela religiosidade e mais por questões políticas.

Abu Qatada é descrito por muitos como o líder espiritual da Al-Qaeda na Europa. No final dos anos 80 deslocou-se para Peschawar, onde permaneceu até 1993 e se tornou doutor em Direito islâmico. Participou no processo de doutrinação dos voluntários do conflito afegão, embora nunca tivesse reconhecido a sua pertença a nenhuma organização.

Naquele ano, Abu Qatada entrou no Reino Unido, tendo conseguido o estatuto de asilado político para si e para a sua família em Junho do ano seguinte. Em Londres, tornou-se uma referência para os salafistas *jihadistas* que vivem na Europa.

No ano 2000, Abu Qatada escreveu que os movimentos *jihadistas* têm como único objectivo a inversão dos actuais regimes muçulmanos ilegítimos e a instauração de um Estado islâmico regido pela *shariah*. Consequentemente, a *jihad* deve, em primeiro lugar, ser orientada contra os regimes muçulmanos ímpios, antes de atacar os verdadeiros inimigos do Islão que são os infiéis, simbolizados por Israel.



Embora seja difícil provar a sua ligação directa à criação de células operacionais em solo europeu, as *fatwas*, sermões e artigos de Abu Qatada são difundidos em numerosos sítios Internet ligados à corrente *jihadista*. Tido sobretudo como um ideólogo, existe a suspeita que terá desempenhado algum papel na formação doutrinária da célula responsável pelo atentado de Madrid, em Março de 2004, já que tinha ligações a Abu Dahdah, um Sírio condenado em Espanha na sequência da investigação ao 11 de Setembro.

Em Dezembro de 2001, Abu Qatada tornou-se um dos homens mais procurados do Reino Unido quando cassetes com discursos proferidos por si foram encontradas num apartamento de Hamburgo, o qual era utilizado por alguns dos responsáveis pelo ataque de 11 de Setembro. Detido em 2002, foi libertado em Março de 2005 sob fiança e com ordem de restrição de movimentos. No entanto, em Agosto desse mesmo ano foi novamente detido. A Jordânia, que o tinha julgado em *absentia* em duas ocasiões diferentes (em 1998 e 2000) por crimes de terrorismo, pediu a sua extradição. Naquele país tinha sido condenado a duas penas de quinze anos de trabalhos forçados por actividades terroristas (nomeadamente financiamento de uma organização clandestina e conspiração para efectuar atentados contra objectivos norte-americanos e judeus) e vínculos com a al-Qaeda.²⁰ Durante sete anos, este lutou nos tribunais ingleses para evitar a sua entrega às autoridades de Amã, mas a 18 de Fevereiro de 2009 o tribunal deu ordem para a sua deportação. Os seus advogados dizem que vão apelar desta decisão para o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, o que certamente irá protelar por mais uns tempos uma resolução definitiva para o seu caso.

Abu Hamza é originário do Egipto, tendo chegado a Londres nos anos 80 para estudar. Recebe a cidadania britânica após contrair matrimónio com uma Inglesa, da qual acabaria por se divorciar. Tendo contactado com alguns argelinos a residirem no Reino Unido, Abu Hamza passou por um processo de radicalização que o levaria até ao Afeganistão, na década de 1990.

²⁰ "Jordânia: pedida extradição de Abu Qatada", in *Diário de Notícias*, 15 de Agosto de 2005 (http://dn.sapo.pt/2005/08/15/internacional/jordania_pedida_extradicao_abu_qatad.html)



De 1997 a 2003, este clérigo auto-didacta pregou numa mesquita do norte de Londres, conhecida por Mesquita de Finsbury Park. Abu Hamza é famoso, principalmente, pelos seus sermões incendiários e não propriamente pelas suas lições religiosas. O seu grupo "Apoiantes da *Shariah*", formado em 1996, defendia a aplicação da lei islâmica e era composto essencialmente por jovens de origem magrebina. Um dos seus seguidores foi Richard Reid, o qual tentou fazer explodir um voo transatlântico entre Paris e Miami com um engenho explosivo artesanal dissimulado nos sapatos. No final dos anos 90, Hamza focava a sua atenção sobretudo no conflito argelino, pelo que muitos dos seus seguidores eram oriundos daquele país.²¹

Este imã foi detido em Abril de 2004 pelas autoridades britânicas. Actualmente, está a cumprir uma sentença de sete anos de prisão no Reino Unido por incitamento ao ódio racial e por outras ofensas relacionadas com terrorismo. Tanto os EUA como o Iémen pediram a sua extradição: os EUA pelo suposto envolvimento na tentativa de fundar um campo de treino, no final de 1999, no estado de Oregon; o Iémen acusa-o de estar implicado em atentados bombistas naquele país. Entre o material apreendidos pelas autoridades em sua casa destaca-se a *Enciclopédia da Jihad Afegã*. Os dez volumes que a compõem explicam, entre outras coisas, como preparar e utilizar explosivos, como planear e conduzir assassínios e actos semelhantes.

Um outro ideólogo do *Jihadismo* que deixou marcas no Reino Unido foi Omar Bakri Muhammed. Este Sírio envolveu-se na política ainda muito novo, aderindo à Irmandade Muçulmana. Em Beirute, no exílio, junta-se ao *Hizb ut-Tahrir* ("Partido da Libertação Islâmica").²² Em 1983 vai para a Arábia Saudita e dez anos mais tarde deslocou-se para Londres, conseguindo a nacionalidade britânica três anos depois (1996).

Entretanto, devido a algumas divergências com a liderança do partido ao qual pertencia, Omar Bakri fundou o grupo *Al-Muhajiroun* ("Os Emigrados"), em 1996, com o objectivo de promover um Califado global.

²¹ Quintan Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2005, p. 142.

²² Jocelyne Cesari, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, Paris, Éditions La Découverte, 2004, p. 160.



Este movimento era violentamente anti-sionista, anti-hindu e anti-sikh, profundamente intolerante e os seus membros mantinham posturas provocadoras. As suas visões extremistas eram difundidas em conferências e manifestações promovidas por elementos do grupo. Uma das conferências mais mediáticas organizadas pelo grupo aconteceu 11 de Setembro de 2003, para celebrar os “19 magníficos” que executaram os atentados de Nova Iorque dois anos antes. Existiam elementos do grupo muito activos em alguns campus universitários, onde procuravam difundir a sua mensagem. Esta encontrava ressonância, principalmente, entre estudantes de origem paquistanesa e imigrantes oriundos do subcontinente indiano e do Médio Oriente. Em Outubro de 2004, o movimento foi dissolvido. Porém, existem suspeitas que muitos dos seus seguidores se reorganizaram em novos grupos.

Os seguidores de Omar Bakri consideram-no um profundo conhecedor do Islão e defendem que este possui uma preocupação real com a vida quotidiana e o contexto local. Em 2005, Omar Bakri deixou o Reino Unido com destino ao Líbano, tendo sido impedido de regressar à Europa.

Na Europa, nos últimos anos assistiu-se ao fenómeno da criação de células *jihadistas* formadas exclusivamente através da auto-radicalização, auto-recrutamento e treino auto-didacta, com base em documentos e recursos obtidos via Internet, a qual funciona como um campo de treino virtual.²³

A guerra no Iraque e a participação naquela de alguns países europeus parece ter provocado uma alteração na natureza e nas dinâmicas do Salafismo *jihadismo* em território europeu. A situação naquele país teve duas consequências relevantes para a Europa. Por um lado, teve lugar um desenvolvimento ideológico, motivado pela introdução de novos dilemas e debates, causadores de mais divisões e atritos entre os adeptos da *jihad* global. Por outro lado, colocou a Europa na mira dos radicais e contribuiu para a radicalização de muitos jovens muçulmanos europeus. Este é, contudo, um aspecto controverso, sendo rejeitado por exemplo pelo antigo Primeiro-Ministro Tony Blair e pelo académico Olivier Roy. No entanto,

²³ Peter Nesser, “How did Europe’s Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, nº 2, 2008, p. 234.

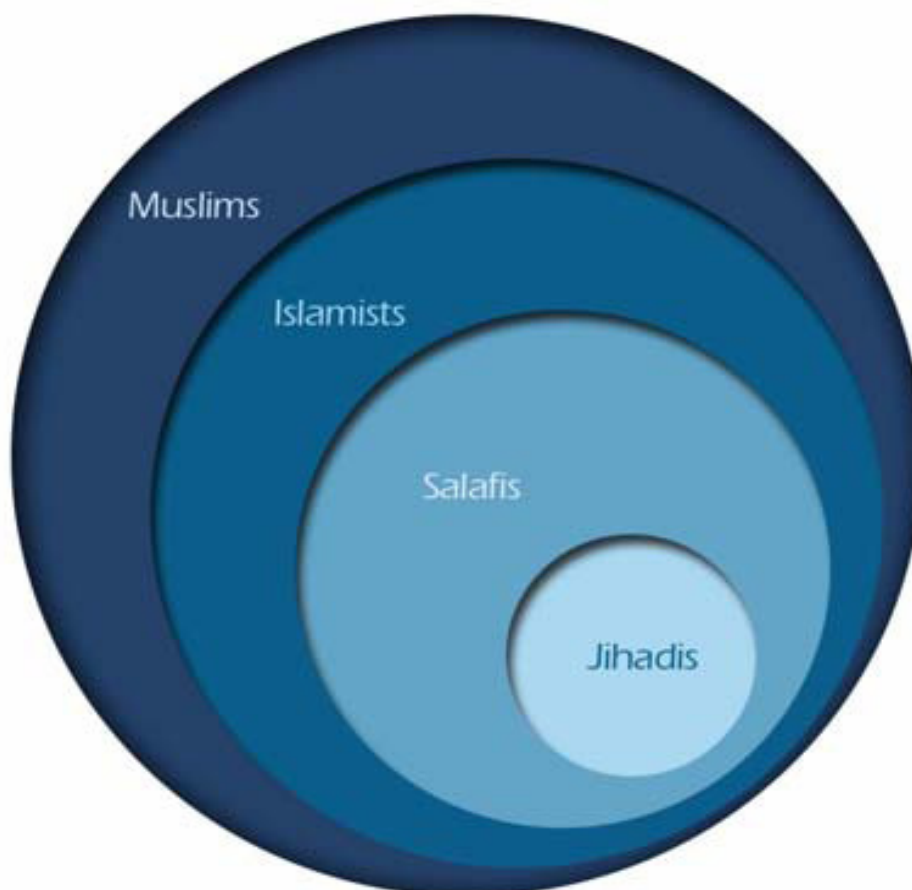


personalidades como a ex-directora dos serviços secretos britânicos MI6 recentemente vieram a público defender que o facto do Reino Unido ter alinhado com os EUA na questão iraquiana contribuiu para acentuar o sentimento de revolta de muitos Muçulmanos britânicos e, portanto, criar um ambiente propício à radicalização e financiamento de actividades *jihadistas*. A realidade é que as consequências do conflito iraquiano (e afegão) para a Europa ainda permanecem largamente desconhecidas, sendo necessário mais investigação sobre o tema.

No entanto, é conveniente ter sempre presente que o movimento islamista na Europa nunca foi uniforme, constituindo frequentemente um campo de batalha entre personalidades, grupos e diferentes agendas políticas.



Anexo I



Fonte: U.S. Military Academy, *Militant Ideology Atlas*, West Point, NY, Novembro de 2006, p. 5.



Anexo II

Reformismo Islâmico ⇒ *Salafiyya*

Irmandade Muçulmana (1928)

Salafismo *jihadista* (década de 1990)

Jamaat-i-Islami (1941)

Escola Deobandi (1867) ⇒ *Tabligh Jamaat* (1926)

Wahhabismo (séc. XVIII)

**Bibliografia***Livros*

ABBAS, Tahir (ed.), *Islamic Political Radicalism. A European Perspective*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2007.

CESARI, Jocelyne, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, Paris, Éditions La Découverte, 2004.

COOLSAET, Rik (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge in Europe*, Aldershot, Ashgate, 2008.

GERGES, Fawaz A., *The Far Enemy: Why Jihad Went Global*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 2005.

KEPEL, Gilles, *Al- Qaida Dans Le Texte*, Paris, PUF, 2005.

KEPEL, Gilles, *Jihad: The Trail of Political Islam*, 3ª Ed., Massachusetts, Harvard University Press, 2003.

LAÏDI, Ali, SALAM, Ahmed, *Le Jihad en Europe*, Paris, Éditions du Seuil, 2002.

LIA, Brynjar, *Architect of Global Jihad. The Life of al-Qaida Strategist Abu Mus'ab al-Suri*, Londres, Hurst & Company, 2007.

PARGETER, Alison, *The New Frontiers of Jihad. Radical Islam in Europe*, Londres, I.B. Tauris, 2008.

ROSHANDEL, Jalil e CHADHA Sharon, *Jihad and International Security*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2006.

ROY, Olivier, *L'Islam Mondialisé*, Paris, Le Seuil, 2002.

ROY, Olivier, *Généalogie de l'islamisme*, Paris, Hachette Littératures, 2001.

THOMAS, Dominique, *Les homes d'Al-Qaida. Discours et stratégie*, Paris, Éditions Michalon, 2005.

VIDINO, Lorenzo, *Al Qaeda in Europe. The New Battleground of International Jihad*, Nova Iorque, Prometheus Books, 2006.

WIKTOROWICZ, Quintan, *Radical Islam Rising*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

Artigos em livros e revistas científicas e comunicações



- AL-SAYYID, Mustapha Kamel, *The Other Face of the Islamist Movement*, Carnegie Endowment for International Peace, Democracy and Rule of Law Project, Nº 3, Washington, Janeiro de 2003 (www.carnegieendowment.org).
- CRUICKSHANK, Paul, ALI, Mohannad Hage, "Abu Musab Al-Suri: Architect of the New Al-Qaeda", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, nº 1, 2007, pp. 1-14.
- HEGGHAMMER, Thomas, "Global Jihadism after the Iraq War", *Middle East Journal*, vol. 60, Nº 1, Inverno de 2006, pp. 11-32.
- HEGGHAMMER, Thomas, BOKHARI, Laila, LIA, Brynjar, NESSER, Petter, *Paths to Global Jihad: Radicalisation and Recruitment to Terror Networks*, Proceedings from a FFI Seminar, Oslo, 15 de Março de 2006.
- KNIGHTS, Michael, NEUMANN, Brooke, "A New Afghanistan? Exploring the Iraqi Jihadist Training Ground", *Jane's Intelligence Review*, 30 de Maio de 2006.
- KNUDSEN, Are, *Political Islam in the Middle East*, Chr. Michelsen Institute, Bergen, Janeiro de 2003.
- NESSER, Peter, "How did Europe's Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?", *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, nº 2, 2008, pp. 234-256.
- NESSER, Peter, *Jihad in Europe: Post-millennium patterns of jihadist terrorism in Western Europe*, Conference "The roots of Terrorism in Europe", Danish Security Intelligence Service, Copenhagen, 2 - 3 Maio de 2005.
- NEUMANN, Peter R., "Europe's Jihadist Dilemma", *Survival*, vol. 42, nº 2, Verão de 2006, pp. 71-84.
- VIDINO, Lorenzo, "The Muslim Brotherhood's Conquest of Europe", *Middle East Quaterly*, vol. XII, nº 1, Inverno de 2005 (<http://www.meforum.org/article/687>).

Documentos oficiais

Combating Terrorism Center, U.S. Military Academy, *Militant Ideology Atlas, Executive Report*, West Point, NY, November 2006.



CRS Report for Congress, *The Islamic Traditions of Wahhabism and Salafiyya*, Report RS21695, 17 de Janeiro de 2007.

CRS Report for Congress, *Islamist Extremism in Europe*, Report RS22211, 29 de Julho de 2005.

Hudson Institute, *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 4, Center on Islam, Democracy and the Future of Muslim World, Washington, D.C., 2006 (www.hudson.org.)

International Crisis Group, *Understanding Islamism*, Middle East and North Africa Briefing N° 37, Cairo/ Bruxelas, 2 de Março de 2005 (www.crisisgroup.org).

Norwegian Defence Research Establishment (FFI), *Jihad in Europe – A Survey of the Motivations for Sunni Islamist Terrorism in Post-Millennium Europe*, Kjeller, 2004 (www.mil.no/felles/ffi/english/).

Rand Corporation, *The Muslim World After 9/11*, Santa Monica, CA, 2004 (www.rand.org).

Rand Corporation, *Beyond Al-Qaeda. Part 1. The Global Jihadist Movement*, Santa Mónica, CA, 2006 (www.rand.org).